

Variante do vírus da gripe suína tem "potencial pandémico"

Variante surgiu em 2013 e a sua frequência tem vindo a aumentar desde 2016, na China. Investigadores dizem que não há motivos de alarme, mas que devemos estar atentos e ir criando respostas eficazes



A vigilância de populações de suínos é determinante para se detectar a presença de novas variantes de vírus da gripe

Saúde pública Teresa Sofia Serafim

Uma equipa de cientistas da China e do Reino Unido refere num artigo publicado ontem na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)* que uma variante do vírus da gripe suína tem "o potencial de disseminação pandémica em humanos". Outros investigadores referem que estes resultados não são motivo de alarme, mas que mostram que devemos estar atentos e ir preparando respostas eficazes.

Neste estudo, a equipa concentra-

-se na importância de um hospedeiro intermédio na evolução de vírus da gripe: o porco. Afinal, a vigilância de vírus da gripe suína pode ajudar a preparar respostas para futuras pandemias. "A emergência da pandemia de 2009 do vírus H1N1 ilustra vivamente a importância dos porcos em novos surtos", lê-se no artigo. Em 2009, surgiu uma nova estirpe do vírus da gripe A (o H1N1) que afecta humanos, e tinha material genético de vírus da gripe suína, das aves e humana.

Para fazer essa tal vigilância, a equi-

pa começou por isolar 179 vírus da gripe suína de porcos de dez províncias da China entre 2011 e 2018 e agrupou-os em seis genótipos (variantes). Verificou-se que a frequência de um dos genótipos do vírus da gripe suína, o G4 EA H1N1, estava a aumentar desde 2016. Contudo, a sua incidência no mundo é desconhecida, refere Virgílio Almeida, professor na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa.

O vírus desse genótipo surgiu em 2013 na China e evoluiu a partir do vírus que causou a pandemia em



2009. Viu-se ainda que se liga a certos receptores celulares do tipo humano e que tem uma elevada capacidade de replicação nas células epiteliais do tracto respiratório humano.

De seguida, em ensaios laboratoriais, os cientistas transmitiram a doença a furões, o que demonstrou que há uma grande capacidade de infecção neste modelo animal.

Por fim, analisaram-se 300 amostras de soro de trabalhadores de 15 explorações suínas na China e observou-se que 10,4% tinham anticorpos contra o G4 EA H1N1, o que evidenciou a transmissão para humanos.

Virgílio Almeida diz ainda, com base no artigo: "As vacinas que se usam actualmente para proteger pessoas contra a gripe não conferem protecção contra este genótipo. Logo, se a população humana for exposta, é susceptível ao vírus da gripe suína do genótipo G4 EA H1N1." Mesmo assim, avisa que a tecnologia

A variante evoluiu a partir do vírus que causou a pandemia em 2009

de desenvolvimento de vacinas para a gripe é boa e capaz de uma resposta rápida.

Devido a todos estes factores, a equipa conclui no artigo que o genótipo deste vírus tem um potencial pandémico: "Os vírus G4 EA H1N1 têm todas as características essenciais para serem altamente adaptáveis às infecções humanas." Por isso, propõem que medidas de controlo deste vírus em porcos e a monitorização nos grupos de trabalhadores devem ser rapidamente postas em prática.

Virgílio Almeida refere que os resultados não são motivo de alarme, mas considera: "Com a limitada informa-

ção de que dispomos, incluir o vírus da gripe suína, genótipo G4 EA H1N1, no âmbito das rotinas de vigilância dos laboratórios de referência da saúde humana e animal seria uma boa decisão." Também Telmo Pina Nunes, epidemiologista na Faculdade de Medicina Veterinária de Lisboa, considera que não há motivos para alarme, mas que devemos estar atentos. Como tal, nota que se deve vigiar, articular instituições e preparar respostas. "Esta [actual] pandemia de covid-19 demonstrou quão disruptivas [as doenças emergentes] podem ser para a sociedade. Torna-se óbvio que, no futuro, teremos de olhar para estas doenças com outros olhos e adoptar abordagens que nos permitam estar preparados para lidar com estes desafios."

Questionado sobre as medidas que devem ser postas em prática para evitar o potencial pandémico do G4 EA H1N1, Virgílio Almeida responde que as explorações de suínos na Europa estão hoje a funcionar com níveis máximos de biossegurança devido à epidemia do vírus da peste suína africana – em Portugal não foram identificados casos até à data.

As amostras de sangue de suínos recolhidas para a monitorizar outras doenças infecciosas também podem ser utilizadas para detectar o G4 EA H1N1. Já a Direcção-Geral da Saúde pode adoptar uma abordagem semelhante nos trabalhadores das explorações de suínos e matadouros, que podem funcionar como "sentinelas da transmissão". Telmo Pina Nunes avança que é fundamental que se faça uma vigilância em populações de animais, bem como uma abordagem integrada com a vigilância em humanos, ou que se prepare respostas multidisciplinares para o problema.

teresa.serafim@publico.pt

